

# SABERES NECESSÁRIOS À FORMAÇÃO DOCENTE SOB A ÓTICA DA COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Lucicleide Araújo; UCB; lucicleide.ead@gmail.com

## Resumo

Diante das mazelas pulverizadas pelo “pensamento simplificador” e visão unilateral em relação ao conhecimento, separando sujeito e objeto, cognição e vida, razão e emoção, educador e educando, indivíduo e meio, ainda “flutua a educação”, mantendo-se fechada ao novo mundo que, há tempos desponta, distanciando-se cada vez mais dos contextos da vida singular e coletiva. Neste sentido, é urgente repensar a educação, buscando reaproximá-la das exigências da sociedade contemporânea, visando restabelecer o elo perdido entre ensino e aprendizagem, com base nos sete saberes necessários a educação anunciados por Edgar Morin, como luzes para todos que pensam e fazem educação, na esperança de construção e reconstrução de práticas pedagógicas mais condizentes com a realidade atual, numa perspectiva complexa e transdisciplinar com vistas à condução de processos que primem, sobretudo, para a qualidade da aprendizagem dos educandos. Os sete saberes são instrumentos fundamentais para a construção de ações em busca de uma nova educação e formação docente complexa e transdisciplinar que enfatize a construção do conhecimento sob óticas mais pluralistas e multidimensionais. Possibilidades de vias que se abrem e muito podem possibilitar e ajudar educadores a repensarem sobre as próprias práticas educativas, tendo em vista ressignificá-las, rumo a uma nova cidadania planetária.

**Palavras-chave:** Sete Saberes; Formação Docente; Complexidade e Transdisciplinaridade

## Introdução

Diante das mazelas pulverizadas pelo “pensamento simplificador” e visão unilateral em relação ao conhecimento, separando sujeito e objeto, cognição e vida, razão e emoção, educador e educando, indivíduo e meio, ainda “flutua a educação”, mantendo-se fechada ao novo mundo que, há tempos desponta, distanciando-se cada vez mais dos contextos da vida singular e coletiva.

Tendo em vista restabelecer o elo perdido entre ensino e aprendizagem, Morin (2007a) anuncia sete saberes necessários à educação do futuro, como caminhos, luzes a todos aqueles que pensam e fazem educação no presente, com esperança de construção e reconstrução de práticas pedagógicas voltadas para uma perspectiva complexa e transdisciplinar, que contemplem processos que primem, principalmente, para a qualidade da aprendizagem dos educandos.

Segundo o autor, esses saberes são fundamentos necessários para apropriação por parte de educadores, de modo que possam ser inseridos nos ambientes de aprendizagem tanto no modo presencial quanto digital, em seus mais diferentes níveis de escolaridade. São eles: As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; Os princípios do conhecimento pertinente; Ensinar a condição humana; Ensinar a identidade terrena; Enfrentar as incertezas; Ensinar a compreensão e a ética do gênero humano.

Estes sete saberes são fundamentais para a construção de ações em busca de uma educação e formação docente complexa e transdisciplinar que enfatize a construção do conhecimento sob uma nova ótica mais pluralista e multidimensional. Possibilidades de caminhos que se abrem e que podem ajudar educadores a pensarem sobre as próprias práticas educativas, tendo em vista ressignificá-las, construindo-se desse modo uma educação mais integral e, sobretudo, a repensar propostas didáticas que visem maior grau de qualidade em relação às aprendizagens dos educandos do presente, sem desconsiderar o seu passado, ao mesmo tempo em que atuam com olhos voltados para o futuro.

Os sete saberes, quando os colocado em prática, possibilitam aos educadores pensarem e a repensarem a própria prática no tempo presente em que ocorrem as ações planejadas, com vistas à formação de pessoas mais conscientes, humanas, emocionalmente saudáveis e que primem principalmente pela vida em plenitude como assim sugere Morin (2007a), e tantos outros pesquisadores transdisciplinares.

### **As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão.**

Esse primeiro saber diz respeito à cegueira de um conhecimento disseminado por uma concepção de educação bancária que, há tempos, compreende o sujeito completamente separado da vida e o conhecimento como verdade absoluta e

incontestável. Enfatiza o erro punindo concepções de pensamentos que não se traduzem em uma única visão objetiva da realidade.

Essa concepção de verdade absoluta sobre a realidade é a ilusão com a qual a educação positivista há tempos se mantém reinando, configurando-se o mundo a partir de uma única realidade, ou seja, unidimensionalmente, quando o conhecimento apresenta-se sob suas múltiplas facetas de verdades provisórias, cuja interpretação pode ser feita sob os mais diversos olhares e diferentes ângulos, pois a própria realidade em si apresenta-se sob seus mais diversificados contextos.

Neste sentido, o erro precisa ser reconhecido como uma oportunidade de o sujeito se autotransformar, bem como promover os possíveis avanços no que se refere à construção do conhecimento. O erro necessita ser compreendido como ponto de partida, nos espaços educativos, “problema importante” (MORIN, 2007a) para o educador repensar estratégias mais eficazes e compatíveis com a realidade contemporânea e que ajudem o educando a superar os obstáculos que os limitam de crescer e de se desenvolverem, tendo em vista avançarem rumo à ascensão para outros níveis de realidade e percepção em relação ao conhecimento.

O erro nos espaços escolares necessita ser compreendido como sinais de alerta, problemas a serem resolvidos, em um processo relacionalmente dialógico, na tentativa de que ambos, educador e educandos encontrem novas possibilidades de caminhos que os levem a perceberem o “erro” como parte do processo de aprendizagem e um dos saberes próprios da natureza humana, daqueles que se encontram em constante processo formativo, que se envolvem e se comprometem nos processos de ensino e aprendizagem no sentido de a cada dia se desenvolverem, de se superarem, ao mesmo tempo em que evoluem e amadurecem.

Nos ambientes de aprendizagem, muitos são os níveis de realidade e diferentes graus de consciência em que cada sujeito se encontra em termos de conhecimento, bem como os limites com os quais cada um se apresenta no que diz respeito às histórias de vida e suas respectivas experiências, sempre únicas e intransferíveis. Neste sentido, o exercício de uma escuta sensível por parte do educador, o respeito ao tempo de aprendizagem do sujeito/aprendiz, bem como ao seu próprio ritmo e processo de construção do conhecimento, legitimando-o como assim nos ensina Maturana e Varela (2001) é de extrema importância para a apreensão de um “conhecimento pertinente” como propõe Edgar Morin. Esse respeito e confiança no entremeio da relação existente

que emerge no espaço vazio entre educador e educando traduz-se, em cumplicidade, para que ocorra possível garantia de superação dos “erros” e possíveis avanços por parte do educando de forma que se torne mais confiante para lidar com outros novos problemas a surgirem durante o decurso da vida tanto acadêmica quanto pessoal.

Até mesmo porque compreendemos com base nos pressupostos teóricos de Edgar Morin, que todo saber está, de algum modo, ameaçado pelo erro e pela ilusão. Neste sentido, todos nós enquanto sujeitos produtores de conhecimentos somos movidos por uma verdade provisória que conseqüentemente necessitará estar sempre em um constante processo de construção, desconstrução e reconstrução, a fim de que a dinâmica dos saberes humanos seja processual, ou seja, não sendo, mas estando.

Como educadores devemos agir em busca de novas possibilidades que minimizem cada vez mais a inteligência cega em relação ao conhecimento da realidade que nos cerca, mediante ações mais conscientes, encarando, sobretudo, o “erro” como possibilidade de trilhar outros caminhos, bem como ponte de possibilidades para novos avanços rumo à apropriação de um conhecimento com sentido, pertinente.

### **Conhecimento pertinente**

Numa visão complexa e transdisciplinar de ensino e com base na teoria de Maturana e Varela (2001), o conhecimento é compreendido como um processo construtivo e reconstrutivo, tendo como principal protagonista o sujeito na relação dinâmica, dialógica e contínua consigo, com o outro, e com o ambiente, durante o complexo processo de viver e conhecer.

Nesse processo de construir conhecimento, ou seja, “computar”, segundo Edgar Morin (2007a) o sujeito precisa aprender a conhecer. E o que seria o conhecer? O que seria um conhecimento pertinente? Memorização de todos os conhecimentos previstos por uma disciplina?

Para Morin (2007a) conhecer implica captar a informação do meio, para em seguida organizá-la e interpretá-la, mediante questionamentos e reflexões. Este captar informação vai além do processo reprodutivo, do simples ato de memorização, mas consiste em validar de modo particular a informação, descrevendo-a, para em seguida, refletindo-se sobre ela, em um processo circular de entrelaçamento da informação captada pelo sujeito/aprendente com suas experiências de vida como ensina Maturana &

Varela (2001), possamos integrá-la à vida, dando sentido ao assimilado, ao conhecimento apreendido. Assim, vale ressaltar, ainda segundo Edgar Morin que, nesse processo de captação de dados e informações do meio não, necessariamente, está-se construindo conhecimento, mas sim, informação. A informação seria um dos subsídios dos processos de construção do conhecimento. A reflexão sobre o conhecimento organizado, em associação com o próprio processo de vida do sujeito, gera, possivelmente, conhecimento imbricado com o processo de viver, ou seja, o conhecimento pertinente.

Eis aqui uma das ilusões, pois necessitamos lembrar que toda tradução é o ponto de vista de alguém que disse sobre algo, conforme sua própria história de vida na relação interdependente com o seu meio, em conformidade com o seu contexto de realidade e de vida, dentro de um tempo e lugar e, em um momento histórico. Neste sentido, não pressupõe a visão de um conhecimento único para todos, mas a tradução do conhecer por parte de sujeitos que buscam manter a dinâmica sócio-histórica-cultural dessa humanidade caminhante. A própria produção deste artigo tem em seu bojo este aspecto.

Implica, portanto, processo de transformação interior, social e cultural, pois a partir do momento em que o indivíduo interpreta a realidade, ele a apreende. Esse apreender lhe possibilita produzir algo novo no sentido de reconstrução da própria realidade. Essa construção e reconstrução do conhecimento permite ao indivíduo a passagem de um nível de realidade para outro, bem como possibilita transformações em sua forma de percepção, fazendo-o sentir, dessa maneira, sujeito ativo e participante da sociedade enquanto construtor, participe, em conformidade com suas experiências, tendo em vista aproximar-se do conhecimento pertinente, assegurado por Edgar Morin, como aquele que conecta o desconectado, que estabelece as pontes necessárias entre os mais diferentes saberes, que nos permite perceber a realidade sob a visão de conjunto e não parte fragmentada, pois coloca o conhecimento apreendido no contexto. Aquele que transpõe, vai além do saber da disciplina. Estabelece conexões, contextualiza, permitindo a integração da parte ao todo.

### **Ensinar a condição humana**

Carregamos dentro de nós o próprio mundo que vivemos e desejamos viver. Somos um mundo dentro de vários outros mundos, cada um buscando escrever a

própria história de vida. Torná-la em evidência é o grande desafio para a educação do futuro no presente, centrado de modo especial na condição humana como nos aponta Morin (2010). Visto que, para o autor este é um dos principais saberes necessários para o desfrute de uma vida em plenitude.

Em contextos educativos, a história de vida do sujeito e suas experiências acumuladas durante o viver necessitam ser consideradas durante todo o processo de construção do conhecimento e, sobretudo, respeitadas em quaisquer espaços destinados ao aprender para a apreensão do conhecimento pertinente em suas dimensões: global, multidimensional, contextual, complexa.

Para tanto, ensinar a condição humana é compreender o outro em seu legítimo outro. É antes de tudo levar o indivíduo a se perceber enquanto pessoa, sujeito, reconhecendo os próprios limites. É ter autonomia para aprender a seu próprio modo, a ter autonomia de ser e existir, pelo autoconhecimento (aprender a ser), estando sempre disposto a enfrentar as incertezas presentes na própria dinâmica da vida, utilizando-se das próprias experiências apreendidas durante o viver. Reconhecendo que vida e conhecimento são indissociáveis no processo de aprender e de conhecer a realidade, bem como não podemos separar nossa história das ações – biológicas e sociais – pois, por meio desse imbricamento do ser com o ambiente em que vive, é que construímos o mundo à nossa imagem e semelhança, como assim nos ensina Maturana e Varela (2001).

Assim, é importante reforçar sob a diversidade da condição humana presente nos ambientes de ensino e aprendizagem e a importância dos sujeitos envolvidos nessa dinâmica serem respeitados, pois cada um traz consigo suas próprias experiências de vida e estas devem ser reconhecidas a fim de que cada sujeito possa se sentir parte de um todo bem maior que os englobam, aprendendo e ensinando, em relação uns com os outros, mediado pelas trocas intersubjetivas de conhecimentos, na tentativa de enfrentarem as incertezas presentes na vida.

Ensinar a condição humana, nesse sentido, é poder ajudar o outro a reconhecer-se como parte de um universo maior, é reconhecer as experiências vividas por cada sujeito/aprendiz aliadas às suas próprias maneiras de perceber e apreender a realidade para em seguida atuar sobre ela. Visto que, estas são experiências cognitivas únicas, que não se repetem e que recolocam os sujeitos como protagonistas centrais na

dinâmica da vida, em construção consigo mesmo e com outros, razão esta que justifica a existência do humano no mundo em busca de sobrevivência e transcendência (MORAES, 2003). Transcendência compreendida conforme D'Ambrósio (2009) a traduz, como vontade de ir além, de explicar, de entender e criar, demonstrando assim o quão os seres humanos são potenciais, em termos criativos e mobilizados por essa vontade de transcender, a continuarem caminhando em busca do desconhecido, enfrentando as incertezas no percurso construtivo do conhecimento.

### **Ensinar a identidade terrena**

Os problemas contemporâneos, decorrentes da degradação do meio ambiente, das mazelas relativas à fragmentação do conhecimento, visão unilateral, que por séculos tem separado sujeito e objeto, cognição e vida, razão e emoção, educador e educando, indivíduo, sociedade e natureza, formação continuada e realidade educativa, têm impulsionado profissionais da educação para a urgente necessidade de se repensar processos de ensino e aprendizagem mais ousados e criativos, baseados em uma nova ótica voltada para o pensamento complexo e para a reconstrução de uma educação para uma vida planetária mais sustentável. Ou seja, capaz de “harmonizar a ecologia humana e a ambiental mediante tecnologias apropriadas, economias de cooperação e o empenho individual” (GADOTTI, 2012, p. 74), tendo em vista ir ao encontro por um modo de vida para o bem-viver e bem-estar para todos.

Além disso, que possibilite ao sujeito/aprendiz “não ser omissos, indiferentes e nem coniventes com a destruição da vida em qualquer parte do planeta”, a “saber pensar”, ter pensamento ecológico complexo, capaz de articular os mais variados saberes, uma nova ecologia, no sentido de convergir os elementos Organização viva/Natureza/Homem/Sociedade/Consciência ética.

Tudo isso em prol da construção de conhecimentos com mais sentido, tanto para a vida pessoal como a profissional dos sujeitos/aprendizes em seus mais diversos contextos educativos e superação da visão fragmentada, do pensamento simplificador e da inteligência cega. Visto que, para Edgar Morin (2007a, p. 12) este modo de pensar “destrói os conjuntos e as totalidades, isola todos os seus objetos do seu meio ambiente”, por não permitir a ligação entre sujeito e seu objeto de conhecimento.

É urgente a necessidade de um pensamento ecológico complexo, e é nesse sentido, que Morin (1999, 2007a), Gadotti (2012) entre tantos outros pesquisadores sinalizam nos tempos atuais a necessidade de um pensamento mais elaborado e

abrangente, de um pensamento mais articulado, tendo em vista, a superação da visão limitada e cega diante da realidade, para melhor se compreender o sujeito/aprendiz, os seus processos de aprendizagem, o conhecimento, a natureza, a sociedade, a educação. Enfim, a própria tessitura da vida sem mais permitir o isolamento do sujeito cognoscitivo de seu próprio contexto. Já dizia Pascal citado por Morin (2008, p. 25) “considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, assim como conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes...”. Ensinar a identidade terrena é fazer com que o sujeito se perceba como parte constitutiva dessa sociedade complexa para então ser capaz de enfrentar com autonomia as suas incertezas.

### **Enfrentar as incertezas**

Somos seres humanos tendenciosos a vivermos sob nossas próprias convicções, certezas e verdades, como se fossem alternativas únicas para se perceber o mundo e a realidade como inquestionável e absoluta. Esta certeza de mundo construído a partir de um único olhar traduz, conforme, Edgar Morin, a cegueira com a qual, há tempos, a humanidade sobrevive e vem sendo conduzida até os dias atuais. Essa cegueira do conhecimento, pulverizada pelo pensamento simplificador, continua sua missão, dissipando a aparente complexidade dos fenômenos, revelando a ordem simples a que obedecem (MATURANA&VARELA, 2001 ; MORIN,1999 ; 2007a).

Maturana e Varela (2001) em seu livro “A árvore do conhecimento” clamam a nos esvaziarmos, a deixarmos de lado essas certezas individuais e enfrentá-las. Eles nos convidam a experimentarmos outras possibilidades, outras experiências e maneiras de compreendermos a vida além do aparentemente visível, partindo-se da compreensão do outro em seu legítimo outro, pois esta é a condição humana, mediante a qual poderemos contribuir para a retirada das nossas próprias cegueiras e a enxergarmos além das grades que enquadram o nosso olhar, à medida que sejamos mais tolerantes com o outro e sensíveis para percebermos o mundo sob uma perspectiva mais global a partir da interconexão entre os saberes formais com os informais, ou seja, integrando vida e conhecimento na dinâmica dos processos que envolvem construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento.

Ao percebermos a realidade a partir dos vários olhares, sob vários ângulos estaremos, sobretudo, compreendendo que o nosso mundo se constitui de maneira multidimensional e não unidimensional e possivelmente estaremos também

compreendendo que o fenômeno do conhecimento acontece nas relações, na interação com o outro, legitimando-o.

Neste sentido, é importante que estejamos prontos a enfrentarmos as incertezas do conhecimento, pois toda tradução é um ponto de vista (BOFF, 1997) como anteriormente vimos, que possivelmente pressupõe erro, mas este mesmo erro pressupõe ponto de partida para novos acertos e erros, possibilitando assim um movimento que não se encerra, mas que está sempre renascendo ao longo da vida, enquanto ao mesmo tempo mantém o sujeito em sua dinâmica processual construtiva de conhecimento.

### **Ensinar a compreensão humana**

“Educar para a compreensão humana”, traduz-se em colocar-se no lugar do outro e não desejar para o outro o que não se desejaria para si mesmo. Ou seja, uma compreensão que parte do eu (de si mesmo) para o tu (o outro) legitimando-o, como Maturana e Varela (2001) e Buber (2001) assim ensinam. Processo que se estabelece sempre de modo intersubjetivo, na relação dialógica com o outro, buscando identificar-se à medida que se projeta no lugar do outro pela comunicação interior e exterior, de aprofundamento e compreensão do sentido dos fatos, dentro de um contexto mais amplo que os envolvem. Exercício que requer sensibilidade, auscultamento do outro, partindo-se do autoconhecimento sobre o próprio conhecer a partir do reconhecimento de nossa própria identidade terrena e profissional, tendo em vista enfrentarmos as constantes incertezas do conhecimento.

Assim, é mister reforçar a importância do autoconhecimento como uma condição humana necessária a ser ensinado em contextos educativos para que os sujeitos do conhecimento ao voltarem o olhar para dentro de si mesmos possam se colocar no centro do próprio “eu”, numa perspectiva de ascender-se para outros níveis de realidade e percepção no que diz respeito à vida tanto pessoal quanto profissional. Tudo isso mediado por processos cognitivos, afetivos e operacionais. Condição esta necessária para atuar com sabedoria diante dos problemas da sociedade e da vida com ética e responsabilidade.

## **Ensinar a ética do gênero humano**

Todos os saberes anteriormente citados, perpassados pela ética do gênero humano, ou seja, pela antropoética (MORIN, 2007b, p. 159). Visto que, a antropoética diz respeito à relação entre o indivíduo e a espécie humana como um todo. Ela “é mediada pela decisão individual consciente, ou seja, pela auto-ética”. Mas, o que é a auto-ética? É um encontro consigo mesmo. É não desejar para o outro o que você não deseja para si. Através do exercício da auto-ética adquirimos uma consciência necessária para adentrarmos o novo mundo. O autoconhecimento de nossa condição humana nos permite o reconhecimento de nossa condição humana tão necessária para práticas conscientes de convívio mais humano e fraterno.

A educação muito pode contribuir para o resgate nos âmbitos escolares de um ensino com base em valores como a vida, a justiça, a igualdade, a ética pessoal, formas estas expressivas da antropoética, da tolerância, do meio ambiente, da paz, da convivência entre crenças e culturas e do valor da harmonia. Em suma, essa busca pelo resgate dos valores humanos que se perderam nos devolve a nossa humanidade, sem que precisemos renunciar aos avanços do conhecimento e da tecnologia. Uma educação que prime, principalmente, pela formação de pessoas mais humanas e solidárias, autônomas, independentes, críticas e criativas, que sejam capazes de construir projetos de vida, seres participativos que buscam, sobretudo, a felicidade.

Essa consciência de nossa identidade como seres pertencentes a um todo se embasaria na ética da compreensão caracterizada pelo “pensar bem”. Morin (2010) nos diz que devemos vincular a ética da compreensão entre as pessoas à ética da era planetária. A ética é um excelente regulador desta harmonia pessoal, social e planetária. “Somente a inter-relação e religação dos saberes podem nos ajudar a reconstruir, a partir do conhecimento, esta teia complexa da realidade; a realidade tanto pessoal, como grupal, natural e espiritual”.

## **Concluindo ainda que provisoriamente...**

“Os sete saberes” redigidos por Edgar Morin são fundamentos necessários para educadores repensarem as próprias práticas educativas em contextos de formação, pois estes muito podem contribuir para ressignificação dos atuais contextos educativos, com

vistas à superação da prática pedagógica voltada exclusivamente para o ensino. Esta nova reconfiguração requer esforço, muita pesquisa e recriação de propostas baseadas na abordagem transdisciplinar, visto que, esta nova abordagem, possivelmente, pode possibilitar aos sujeitos participantes na dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem uma maior aproximação com estes saberes e por estarem mais compatíveis com os pressupostos atuais da ciência que contemplam e focam, principalmente, na qualidade da aprendizagem dos estudantes.

A educação precisa avançar, é urgente uma “reforma”, e o primeiro passo requer busca por cada um de nós educadores de uma tomada de consciência em relação às mudanças necessárias a partir de um olhar sobre nossas próprias práticas pedagógicas, a fim de que possamos construir processos de ensino e aprendizagem, que despertem nos estudantes o prazer, a alegria, a vontade de ir além em relação à busca do conhecimento com consciência. Tudo isso, em comunhão com o sentir, o pensar e o agir, ao mesmo tempo sem desconsiderarmos a sensibilidade, as dimensões amorosas, espirituais e sagradas da vida que o paradigma clássico anulou em nome da própria ciência. Para tanto, é preciso nos assumir como sujeitos e não objetos de todo esse processo de TRANSformação.

Como educadores, somos chamados a assumirmos os desafios da sociedade contemporânea a partir de uma nova ótica sob a realidade educativa, pois como anunciam diversos pesquisadores transdisciplinares, ensinar não pode mais ser entendido como simples transmissão de informações. Visto que, os cenários para processos de ensino e aprendizagem no mundo moderno “Líquido” (BAUMAN, 2001), mudaram, os atores são outros, conseqüentemente as exigências também o são. É urgente ressignificar os contextos educacionais, a formação docente, porém, apoiados em novos fundamentos.

Nesse aspecto, cabe a nós educadores reconhecermos toda essa dimensão em relação à educação, de natureza complexa, buscando compreender as suas teorias, para que ao integrarmos os educandos a esses novos processos de ensino e aprendizagem estejamos, ao mesmo tempo, integrando-os aos processos naturais e indissociáveis da vida. Neste sentido, uma formação docente baseada na Complexidade e Transdisciplinaridade apresenta-se como uma via emergente que muito pode redimensar processos e ocasionar as transformações inicialmente necessárias nos espaços

educativos, abrindo-se horizontes em relação à educação contemporânea, iluminados pelos e perpassados pelos setes saberes necessários a educação do futuro, no presente para uma cidadania planetária.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Sygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana**. Vozes, 1997.
- BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade: uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 5. ed. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007a.
- \_\_\_\_\_. **O método 6: ética**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007b.